This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.3
A449FRO
A55

A 860,796

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

JOAQUIM DE ARAUJO

O "Fr. Luiz de Souza"

de Garrett

NOTAS

COM UM PREFACIO

DE

THEOPHILO BRAGA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5, Largo de Camões, 6

1905

O FR. LUIZ DE SOUZA, DE GARRETT

JOAQUIM DE ARAUJO

O "Fr. Luiz de Souza" de Garrett

NOTAS

COM UM PREFACIO

DE

THEOPHILO BRAGA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5, Largo de Camões, 6

1906

5640
A1.1.1.C
A66

Tiraram-se doze exemplares numerados, em papel velino, superior, para venda ao preço de mil e duzentos réis cada um, sendo o producto total offerecido por Joaquim de Araujo e Gomes de Carvalho para o mausoleu de Garrett no Pantheon dos Jeronymos.

Typ. de Francisco Luiz Gonçalves—80, Rua do Alecrim, 82—Lisboa

Artes e Letras
1964
-357376

PREFAÇÃO

Dando a impressão que lhe causara a leitura do poema *Os Doze de Inglaterra*, escrevia-me Joaquim de Araujo, que ao livro faltava só o ter sido escripto longe de Portugal. Essa circumstancia, apparentemente accidental, é que imprimiu a vibração sentimental á emoção saudosa da patria, que tanto inspirou Garrett nos poemas *Camões* e *Dona Branca*, com que no desterro começou a acordar o espirito quasi apagado da nacionalidade. Agora, ao percorrer a monographia sobre o drama *Frei Luiz de Souza*, de Garrett, vêjo n'este estudo de historia externa do assombroso drama o influxo que exerce no espirito do seu auctor a longa ausencia de Portugal, interessando-o pelas nossas glorias nacionaes, chamando a attenção dos criticos estrangeiros para as nossas obras primas,

provocando traducções dos principaes poetas, promovendo consagrações, como a do Centenario de Garrett e tardia trasladação para o Pantheon dos Jeronymos. No seu modesto logar de Consul em Genova, Joaquim de Araujo, por este culto votado á nossa historia e litteratura, á glorificação dos vultos que representam a nacionalidade, tem dignificado mais Portugal no conceito europeu, do que muitos portuguezes altamente graduados, que desconhecem a vida mental e moral do seu paiz, bem differente d'essas mesquinhas intrigas de gabinetes e das facções partidarias que fazem dos cargos publicos boas póstas para brindar amigos. Na paixão da propaganda a favor das manifestações do genio portuguez, Joaquim de Araujo tira apenas a vantagem pessoal, no seu isolamento, de sentir-se vivendo idealmente na patria em que pensa, melhor comprehendida a distancia, e servida com maior sympathia. O estudo sobre o *Frei Luiz de Souza* não é só um trabalho de investigador, é um acto de culto, um recolhimento de espirito, em horas de saudade pungente, em que a patria se incarnava no

verbo do seu mais poderoso genio depois de Camões.

E no drama *Frei Luiz de Souza*, acima ainda da obra esthetica, ha o ambiente historico, social e politico em que o concebeu Garrett. E' isto que o colloca a par de Camões, irmanando as duas almas que tiveram mais profundo o sentimento da raça, e que mais soffreram as catastrophes da nacionalidade portugueza. Camões era odiado pelos que serviam o partido de Castella, e que estavam preparando a entrega de Portugal a Philippe II; pelo seu lado Garrett, sustentando o principio da Soberania nacional, proclamado pela Revolução de Septembro de 1836, era calumniado e perseguido pelos partidarios da Carta outorgada, pelos que tramavam as intervenções armadas estrangeiras contra a liberdade das instituições. O commentario dos *Lusiadas* está em toda a historia de Portugal, tendo o tenebroso remate de 1580; a obra de Garrett fulge em toda a sua luz n'esse cahos de traições e crimes que complicaram desde 1823 a 1851 toda a laboriosa implantação do regimen liberal, até hoje sem-

pre falsificado. Pouco depois de ter escripto o *Frei Luiz de Souza*, formulava Garrett, na edição do *Romanceiro* de 1843: «pelos tempos em que vamos, tão baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.» E' n'esta confusão que encontramos o impulso que levou Garrett a fortalecer-se na idealisação litteraria. Depois da Constituição de 1838 não se pensou senão em substituil-a pela violencia, retrogradando á Carta outorgada em 1826, em apagar todas as fundações da Revolução de Septembro, que fundara a Soberania na vontade nacional. Como Garrett foi a alma da Revolução de 1836, impediram-lhe a entrada no parlamento, fizeram-o odiado no Porto, e trataram de demolir a sua creação vital: o Conservatorio da Arte dramatica. Foi n'esta angustia, que, ao vêr triumphante a reacção palaciana pela revolta de Costa Cabral, que fôra ao Porto, sendo ministro da justiça, restaurar. com auxilio da soldadesca, a Carta outorgada, diante da torpeza do facinoroso caudilho das intrigas palacianas, Garrett compoz

o drama *O Alfageme de Santarem*, synthetisando a vida nacional na resistencia popular. *O Alfageme de Santarem*, depois de ensaiado, soffreu delongas para entrar em scena, por que a facção palaciana e cabralista temia-se das situações empolgantes, e das phrases causticas com que o poeta alludiria ás miserias a que assistia. O drama sempre conseguiu ser exposto a um conluio de pateantes assalariados, mas dominou pela magestade do sentimento patriotico com que Garrett fez vibrar em unanimidade. N'esse anno de 1842 é que os rancores politicos mais o assaltaram, sobretudo quando conseguiu entrar no parlamento, e fulminar olympicamente todos esses loucos da pedantocracia symbolisados na imagem do Porto Pyreu. As réplicas foram bestiaes; por decreto de 16 de julho de 1841 fôra demittido dos logares gratuitos de Chronista-mór do reino, e de Inspector Geral dos Theatros, e por decreto de 7 de Outubro de 1842 demittido de Conservador das Escholas de Declamação no Conservatorio dramatico. Garrett planeava um julgamento de todos esses perso-

nagens na obra que tracejava *Vinte annos da Historia de Portugal*, que annunciara em 1843; mas a paixão artistica levou-o para emoções mais puras e fecundas. O drama *Frei Luiz de Souza* foi começado em 27 de Maio de 1843, como se vê de um primeiro rascunho. (*Helena*, Cat., p. XIV.) No isolamento temporario da doença, Garrett evocando as reminiscencias da mocidade achou o primeiro esbôço do *Frei Luiz de Souza* na representação em um theatro de lona em Villa do Conde, que lhe suggeriu o lance dramatico do incendio do palacio de Manoel de Sousa, com que finalisa o primeiro acto. Na sua passagem com a expedição liberal na ilha Terceira, o retrato authentico do rei D. Sebastião, que vira no Collegio dos Jesuitas de Angra, deu-lhe a ressurreição de uma epoca. O typo de Telmo-Paes viu-o elle nas velhas familias portuguezas, em que o escudeiro se tornava pela edade e pela sympathia um quasi parente. E Maria, a debil criança, que morre de vergonha, resurgia-lhe diante de sua filha Maria Adelaide, de pouco mais de dois annos, que lhe ficou

d'esses atormentados amores de Adelaide Deville, falecida aos vinte e dois annos; e esse presentimento realisou-se. D. Maria Adelaide confinou-se na vida domestica, com a vergonha do seu nascimento. A patria abafada na sua autonomia pelas violencias cabralistas, ainda reviverá; era uma esperança, uma anciedade messianica, que na sua fórma popular tomava o aspecto de *Sebastianismo*. Como Garrett soube sentir pela instabilidade da sua epoca o ideal que alentou a phase historica que constitue o quadro social do *Frei Luiz de Souza!* Garrett, que tinha sido demittido do Conservatorio, foi lêr ahi em uma sessão o seu drama. O assombro foi inaudito, e a necessidade de admirar essa maravilha instante; fez então a segunda leitura em casa da familia Krus, e como o poeta conta, pela emoção produzida começou a acreditar na sua obra. Resolveu-se immediatamente dar-lhe a vida da scena, e n'esse grupo das pessoas que ouviram o drama, escolheram-se os actores curiosos que deviam represental-o no theatro particular aristocratico da Quinta do Pinheiro. N'essa me-

moravel representação, em que D. Emilia Krus desempenhou o papel de D. Magdalena de Vilhena, Garrett viu-se forçado a representar o personagem do escudeiro velho, Telmo Paes. Quem conhece a extructura d'este drama, que com os meios mais simples das situações naturaes produz as emoções mais profundas, que se não pode lêr ou vêr representar sem soltar lagrimas, cuidará que obteve uma consagração indiscutivel, tal como encontrou nas litteraturas modernas que d'elle se apropriaram por traducções. Não; o *Frei Luiz de Souza* foi logo desvirtuado pela má fé de uma critica ao serviço do cabralismo, ou cartismo sanguinario. Lembraram-se de accoimar Garrett de imitar e ficar abaixo de Ferdinand Denis, que em 1837 publicara um romance em dois volumes, *Luiz de Souza*, em que suppria por situações romanescas e aventuras de imaginação o que lhe faltava em evocação historica e emoção poetica. Garrett sentiu-se d'esta perfidia na sua Memoria lida no Conservatorio, accentuando as differenças entre as duas obras que só têm de commum o titulo. O romance de Ferdi-

nand Denis ardeu quasi completamente em um incendio da rua du Pot-de-fer, e é por isso hoje rarissimo. Como o *Frei Luiz de Souza* de Garrett triumphava pela sua belleza suprema, trataram de embaraçar a sua representação nos theatros publicos. Custa a crêr, mas lê-se na *Revista Universal Lisbonense*, em artigo de 12 de Agosto de 1847: «O bello drama *Fr. Luiz de Souza*, elogiado pela douta Allemanha, cercado de sinceros louvores pela mais escolhida sociedade portugueza, intimou-se *verbalmente* o theatro do Salitre para o não pôr em scena; e se depois se concedeu subir elle ao palco, foi mutilado com ineptas thezouradas!»

A Censura dramatica, exercida sob o nome do Marquez da Fronteira por um tal Andrade, seu secretario, atreveu-se a fazer suppressões no *Frei Luiz de Souza* de Garrett! Lê-se ainda na mesma Revista:

«Para suspender e depois mutilar *Fr. Luiz de Souza* argumentou-se com Hespanha! O rasgo nobre de um portuguez não pode nunca offender um castelhano. — Eliminar o bello feito de Manoel de Souza no

final do 1.º acto, para evitar complicações diplomaticas, e sobretudo apear uma Senhora do Amparo que alli apparece em imagem como desacato da religião. Convertido assim o mais regular e admiravel dos nossos dramas n'um monstro infórme, a Censura licenceia-o! — Estes incriveis attentados da Censura, que eram dignos da punição da comedia, se não ferissem interesses e direitos, provocam a indignação da imprensa, que é socia do theatro pela liberdade do pensamento.

«*Fr. Luiz de Souza* acha-se impresso, e o nome de seu auctor junto ao conhecimento dos que o lêrem, basta para condemnar a Censura.»

Este artigo, que é um terrivel depoimento historico, acha-se firmado pelas iniciaes L. A. R., que julgamos ser Luiz Augusto Rebello da Silva, que em um caloroso juizo critico sobre o *Frei Luiz de Souza*, fez sentir um fundo de realidade n'esse typo ideal de Maria, a que morre de vergonha.

O theatro normal ou de D. Maria II, que pelos seus esforços Garrett erguera, estava

vedado ás suas obras dramaticas; representavam-se ahi dramalhões ultra-romanticos e detestaveis traducções de banalissimos dramas francezes. A interdicção boçalissima que pezava sobre o *Frei Luiz de Souza* só se interrompeu momentaneamente em 24 de Fevereiro de 1850, em que teve a sua verdadeira inauguração esse theatro pela representação da obra prima do seu creador. Essa data de 1850 tem a sua significação; o partido palaciano que hostilisava Garrett, estava cansado das tropelias de D. Maria II, e approximara-se dos septembristas em uma *entente* que preparou a Regeneração de 1851. Foi esse momento de trégnas que permittiu que o drama incomparavel irrompesse como um sol esplendido d'entre esse nimbo de paixões odientas. A historia externa do *Frei Luiz de Souza* encerra outras peripecias, como essa dos direitos do auctor. pagos por uma sentença judicial a um individuo sem o minimo parentesco com Garrett. Percorrendo-se o trabalho de Joaquim de Araujo concentrado em volta d'essa maravilha artistica, nascenos o desejo, que talvez um dia seja satis-

feito pelo concurso dos admiradores de Garrett: cada uma das suas obras merece ser estudada em uma monographia especial e exhaustiva; todas ellas reunidas formariam o Livro de ouro de Garrett.

THEOPHILO BRAGA.

ADVERTENCIA

ADVERTENCIA

THEOPHILO BRAGA

Um bem acabado livro do sr. José Pereira de Sampaio (Bruno)—*O Encoberto,* trouxe recentemente ao debate a serie de artigos, que vão ler-se, e que ha um anno foram estampados no *Conimbricense,* dando-me o prazer e honra de a um delles se referir, na curiosa *Advertencia,* que precede as suas teorias e estudos. Mas a discussão do meu velho amigo, toda consagrada á refutação de Oliveira Martins, quasi não tem que ver com as assersões capitulo V destas ligeiras notas, rascunho de um *y,* que porventura algum dia conseguirei fundir e ıpletar. A minha *illusão* subsiste, que nem eu defendi ıodo de ver do autor do *Portugal Contemporaneo,* ı chamei «tragedia sebastianista» ao *Fr. Luiz de Sou-* o que repeti (e já Quinet e Farinelli o tinham dito, e sr. Theofilo Braga o deixara transparecer) foi que dos personagens dessa admiravel composição tragica,

Telmo Paes, condensa o typo do verdadeiro crente na religião sebastica; o que estabeleci foi que o boticario das *Profecias do Bandarra*, pelo menos, a meu ver, resume

D. SEBASTIÃO
(DA GALERIA DE FLORENÇA)

a caricatura viva e palpitante dos visionarios, que propagavam a resurreição do triste moço, que foi enterrar

em Alcassar-Kibir os destinos da sua grey. O escudeiro do *Fr. Luiz* possue o misticismo illuminado, que alastrou na alma portuguêsa; Pantaleão-amigo é um *scismatico,*

D. CARLOS

FILHO DE PHILIPPE II

que cultiva a *decilitragem,* como refugio supremo das suas palermices de intontecido.

A lenda de D. Sebastião, facilmente creada com o auxilio de outras congenéres, como a do rei Janino e a de Balduino de Flandres, que por toda a parte andavam espalhadas, correu pelos tempos fóra, como uma esperança de resgate nas almas simples e candidas dos portuguêses que então éramos, passando as fronteiras, e dando invenção a novellas, como uma que o meu texto aponta, e outra que appareceu no volume dos *Imposteurs insignes*, impresso em Colonia, 1637. As *Profecias do Bandarra* desempenham, para essa lenda, o papel do *Quijote* de Cervantes para com as novellas de cavallaria. Rebenta-se de riso, diante dessa caricatura; cogita-se, e pensa-se, e deixa-se empolgar a gente, nos devaneios messianicos do familiar de Manuel de Sousa Coutinho.

Oliveira Martins foi, na sua derradeira phase, um escritor de recursos artisticos, que compensaram os leitores de composições ingenuas, como o *Phebus-Monis*, «o ultimo dos portuguêses», que afinal se reconciliou com os crusados sonantes de Filippe II, ou metafisicamente inassimilaveis, como a *Theoria do Socialismo*; quanto, porém, ao sebastianismo romantico, que nos seus livros exhibiu, nem elle conheceu as revelações dos embaixadores venezianos, que tanta luz espalham sobre o caracter e feitio de D. Sebastião, nem ainda ouviu fallar na correspondencia de Fourquelvaux e Catharina de Medicis, que offerece a chave do caracter do monarcha português, nella considerado como uma especie de irmão nevrotico do outro Sebastião, que, em Castella, dava pelo nome de D. Carlos. E não era só similhança moral e intima, a dos dois principes: o retrato do *Desejado* que se acha na galeria *degli uffizi*, em Florença, e que é uma linda pintura, reproduz fisionomicamente o que, de D. Carlos, Gachard encontrou no Escurial. Sem embargo destas graves falhas, no programma do livro do sr. Sampaio o sebastianismo de Oliveira Martins, agora diluido, difinia se-

nos «como interpretação historica, apresentada pela primeira vês, *a serio*».

Não possuindo o brilho das paginas de Oliveira Martins, o *Encoberto,* que, aliás, como estilo, é o melhor trabalho do sr. Sampaio, decididamente emancipado de uma *maneira,* em que não devia proseguir, tem sobre ellas a vantagem de ser immensamente mais consistente, atacando e resolvendo o problema de uma forma lucida, que honra os estudos historicos em Portugal. Infelismente, na parte que diz respeito ao autor deste opusculo, parece fazel-o solidario com opiniões que não são as suas. A *illusão* é do sr. Sampaio, mas folgo com ella, porque me obriga a proclamar em publico a justiça que devo ao solido talento de um escritor de merito, que foi meu companheiro, em dias encantados, que não voltam.

J. Sampaio (Bruno)

Em appendice aos capitulos aqui reunidos dão-se, como seu complemento bibliografico, alguns pormenores, que completam mais ou menos informações fixadas no texto.

Genova 1 de outubro, 1904.

Joaquim de Araujo.

O "FR. LUIZ DE SOUZA", DE GARRETT

CAPITULO I

EM 1825, exilado em Paris, publicou Garrett a primeira edição do seu *Camões*. Esse precioso poema, em que refulge, em impeccaveis versos, a moderna aurora das letras portuguêsas, vibrou como um terramoto nas provincias, já então abaladas, do classicismo. A pecha de romantico, importando comtudo uma especie de heresiarchia, no mundo burguês apavorado, Garrett procurou num culto e sabio prefacio, furtar-se o mais possivel a infileirar na nova escola; mas como não ha dissertações sophisticas capazes de attenuar a significação de uma obra de arte, o novo poema — novo em toda a accepção do vocabulo, — marcou logar devido na literatura renovadora, sarça ardente na montanha espiritual. Era o verbo desconhecido e subjugante, que entre nós abria época, os exilados da nossa liberdade alcançando nelle como que uma

biblia, que lhes fallava da terra promettida das suas esperanças. Para as letras nacionaes, este e os outros primeiros poemas de Garrett cavaram tão fundo alicerce, como na vida social os marmoreos decretos, com que Mousinho, do recanto de uma afastada ilha, aluía e derribava, annos depois, o enkistado regimen obsoleto de uma nação inteira, alicerceado na durêsa tradicionalista dos seculos. As duas obras completavam-se, num mesmo pensamento:—a Revolução.

Um mez antes de ter vindo a lume o elegiaco e encantador poema, de que vimos dissertando, appareceu, nas livrarias de Paris, uma chronica ou romance, — que um ou outro nome se lhe póde attribuir, — cujo entrecho, em pontos secundarios, e num unico episodio, offerecia analogias com o livro anonimo do poeta português. Este as memora, com senhoril nobrêsa, no seu prologo: «Hoje me veio ás mãos uma obra em francês de M. Denis, *Scènes de la nature sous les tropiques*, onde encontro um episodio sobre Camões, em que ha parecenças com a minha obrinha. Como isto foi, melhor o dirá elle que eu, pois este poema se acha composto desde Junho passado, começou-se a imprimir em Janeiro corrente, e sae acabado da imprensa, hoje 22 de Fevereiro de 1825; a obra de M. Denis publicou-se em Dezembro p. p. E' notavel a coincidencia e muito

me lisonjeia». Nada mais direito do que esta declaração, tão sincera, de uma inexcedivel lisura: Garrett foi sempre o mais cavalheiroso, o melhor dos homens. Como foi recebida a ingenua confissão? Na segunda edição do seu trabalho, inteiramente refundido, por signal, o magnifico poeta o revela: «... Fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações, em como não tinha *nada* a minha composição com a do sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escritor, que tão bem tem merecido da nossa literatura, se offendera dellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção intima de que, assim como eu não sabia da sua obra, nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse». Esta nota, de simples cortezia, vem, muito atrás, precedida de outra, em que se lêem estas palavras, muito firmes, mas muito intencionaes: «E quasi tenho saudades hoje — tal nos tem andado a sorte! — das ingelhadas noites de Janeiro e Fevereiro (1825) que numa agua-furtada da rua do *Coq St. Honoré* passavamos com os pés cosidos no fogo, eu e o meu velho amigo o sr. J. V. Barreto Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio,* eu lidando no meu *Camões*...» A intenção da referencia é flagrante; Barreto Feio era vivo, e Barreto Feio, português de velha-rocha, nem

para salvar a reputação do seu melhor amigo, se abaixaria jámais a uma mentira, embora a mais futil.

De que provinha, porém, o *entêtement* de Ferdinand Denis? Uma carta de Castilho, publicada por occasião do seu centenario, nol-o faz prevêr. Dirigindo-se ao seu confrade parisiense, o poeta dos *Ciumes do Bardo*, escrevia-lhe: «Nunca farei como certo *autorsito* (!), que *traduziu* (!) o vosso excellente francês em versos barbaros (!) de português arabe (!) que não só deu, mas defendeu como originaes. A gralha da Fabula largou as pennas de pavão, quando os pavões a apanharam enfeitada com os seus despojos; mas a gralha moderna do Parnaso (1)

(1) Allusão ao *Parnaso Lusitano*, já publicado á data da carta, localisada de Coimbra aos 20 de Junho de 1830, e reproduzida no *Conimbricense* n.º 5:515. O auctor, fechando os seus dizeres, volta á carga contra Garrett: «E' uma coisa curiosa, que emquanto um francês trabalhava assim por nos exaltar, trabalhassem *compatriotas nossos* para nos *deprimirem* (!) aos olhos dos estranjeiros; fallo dos selectores do Parnaso Português, que tanto sabem o que é português (!) como o que é Parnaso.» Nesse *Parnaso* se lia: «Cita-se *com elogio o nome do sr. J. (sic) F. de Castilho, joven poeta que se despica da injuria da sorte que o privou da vista, com muita luz de ingenho poetico.*» Sem commentarios.—O sr. Th. Braga tambem aproveitou esta carta, vista á mesma luz critica, no seu recente monumental volume, em honra de Garrett. (Outubro 1904).

volta o bico e defende a má presa como propriedade.» Como se vê, as claras e cathegoricas affirmativas do autor do *Camões* eram deste modo glosadas nas cartas particulares, que de Portugal enviavam a Ferdinand Denis, acirrando-o, a elle legitimista *enragé*, contra um pobre exilado liberal. (1)

Gomes de Amorim é *conscientemente inexacto*, quando assevera, nas *Memorias de Garrett*, que o *mal entendu* com o illustre escritor francês se calara a breve trecho; se assim fosse, como se explica o texto da missiva, que tão grande devedor do poeta dirigiu a Ferdinand Denis, enviando-lhe o primeiro tomo do seu vasto repositorio — missiva que o sr. F. Thomaz, publicou na sua *Garrettiana?* como se explica que numa cota manuscrita, lançada em uma folha branca das pastas de encadernação das *Memoires* do Cavalheiro de Oliveira, o «amigo dos portuguêses» asseverasse que *Garrett était sans*

(1) Castilho, no seu drama *Camões*, que é uma maravilha, e cuja originalidade lhe negaram tambem,—ninguem *as* faça, que *as* não pague!—veiu a caracterisar (1850) *os versos barbaros do autorsito*—brada aos céus!—, como o *monumento que o Senhor Garrett soube fabricar de diamantes á gloria de Camões e á sua propria*. Em 1825, tratava-se de um pobre empregado commercial, trabalhando duramente, no exilio, para não morrer de frio e fome; em 1850, de um conselheiro da Rainha, prestes a ser ministro. *C'est la différence*...

aucune espéce de moralité? Agradecendo, em 1887, ao venerando velhinho, a carinhosa offerta do exemplar da obra de Francisco Xavier de Oliveira, em que, em apostilla, se proclamava esta heresia, (1) dissemos-lhe, com todo o respeito, mas com toda hombridade: «Fére-me, a injustiça flagrantissima, com que v. ex.ª se refere a Garrett, o mais illustre português dêste seculo. Será ainda pelo caso curioso da identidade entre certas partes do poema *Camões* e um romance em prosa de v. ex.ª? Mas isso é perfeitamente explicavel: *V. ex.ª e Garrett leram ambos a edição do Morgado de Matteus e aproveitaram a referencia a Fr. José Indio.* E' claro como o sol; e se v. ex.ª reflectir nisso, consciencioso e honrado como é, certamente se arrependerá das phrases que infere inacceitavelmente a um homem que foi grande e bom como poucos, *unico* na transformação da sociedade portuguêsa. E' muito bello certamente o livro de v. ex.ª sobre *Camões;* mas como comparal-o ao poema de Garrett, que é o primeiro documento da renovação de uma litteratura? Não sou eu que o digo: é Alexandre Herculano, que não deixaria de frisar os plagios de Garrett, se acaso os tivesse encontrado».

Por seguro, a animosidade de Ferdinand De-

(1) *Conimbricense*, n.º 5:521, de 16 de Outubro de 1900.

nis o acompanhou até ao fim da vida, — impedindo-o de citar a pura gloria do nosso maior escritor do seculo, no tomo *Portugal*, a tantos respeitos valioso; — mas o resentimento de Garrett explodiu numa luminosa vingança de genio, —que a vingança é, muitas vêses, o prazer dos immortaes.

Tomando, dezenove annos depois do apparecimento do *Camões*, um assumpto tratado pouco tempo antes por Ferdinand Denis, e firmando nelle, o typo da tragedia moderna na Europa nesse estylo simples e attico, a um tempo, que foi um dos seus singulares segredos, Garrett apresentou de est'arte a sua obra-prima ao Conservatorio de Lisboa :

Um estranjeiro fez ha pouco tempo um romance da aventurosa vida de Frei Luiz de Sousa. Ha muito enfeite de maravilhoso nesse livro, que não sei se agrada aos estranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me impannar a singella belleza de tão interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima ideia de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escrita em francês, como todos sabeis, pelo nosso consocio o sr. Fernando Diniz.»

Compendiando, de seguida, uma succinta e suggestiva analyse ás fontes de consulta, em que

conquistára o seu entrecho, desenvolvendo-lhe o pensamento em aprimorada dissertação esthetica,—são excepcionaes os prefacios de Garrett, —e aproveitando o ensejo para registrar a evolução intellectual, a que obedecera, nos estadios percorridos da sua literatura, o poeta accentua ainda, com a ingenita nobreza, com a distincção suprema, de quem esteve esperando a hora de desforço: «Quizeram-me depois fazer crêr que o drama português era todo tirado, ou principalmente imitado, dêsse romance francês, de que já vos fallei e que eu não tinha lido então. Fui lêl-o immediatamente; e achei falsa de todo a accusação; mas *achei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouvia dar*. Pareceu-me que o assumpto *podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer este drama.*» O candido moço, que na capital da França, se abrira em explicações infantis, com desculpas de uma boa-fé, que os compadres exploravam, amesquinhando-lhe o talento, desapparecera por completo. Garrett ia direito ao seu alvo; a obra que agora precedera a sua, curiosidade ephemera, de valor diminuto, caracterisou-a elle em quatro palavras sans, sem um laivo de odio, com uma ironia triste. A *lição*, com que a sua lealdade fôra premiada, percebera-a elle, eloquentemente: já não dava explicações; fixava doutrina.

O preclaro erudito, que convertera a pura e religiosa tradicção do *Frei Luiz*, em um conto das *Mil e uma noites*, leria acaso a poderosa dramatisação, que conseguiu ligal-a á literatura universal, num modelo exemplar, cujas linhas esculpturaes, por sobre os seculos, roçam nas do theatro grego? Se leu, devemos concordar em que foi dura a *expiação*.

CAPITULO II

CAPITULO II

São em demasia conhecidas as circumstancias em que Garrett alevantou o primacial dos seus trabalhos dramaticos; insistir nellas é reproduzir quanto anda narrado em autores, em todo o modo conhecidos e apreciados. Se não me engano, é em um dos mais caracteristicos livros de Bulhão Pato, *Sob os Ciprestes*, que o caso se acha narrado, num colorido realista, com mais ampla copia de pormenores. Em relação ao entrecho formosissimo, cumpre notar, tão só, que a simples lenda monastica, que a leitura das phantasias de Ferdidand Denis avivara em Garrett, se achava tratada em livros antigos e modernos, mormente nas *Addições á Historia de S. Domingos,* de Fr. Antonio da Encarnação, cujo continuador, Fr. Lucas de Santa Catharina, o qualifica de zeloso «observante nas

regras da legitima historia.» Da escrita de Fr. Antonio tomou Garrett a desataviada tradição, servindo lhe de auxiliares Fr. José da Natividade, Francisco de Santa Maria, Antonio Touron, o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, e porventura as reminiscencias de remotas leituras no Cavalleiro de Oliveira e em J. Murphy. Creio bem que não conhecesse a velha e interessante novella francêsa — *Don Sebastien, Roy de Portugal*, impressa em Lyon (1679) por Thomaz Amaubry, um dos mais antigos textos, concernentes ao romance de Frei Luiz, alli denominado Conde de Sousa. Evocando, com intuição genial, o periodo historico em que, na epopêa lusitana, surgiram os ultimos cavalleiros, Garrett illuminou a alma da pobre lenda, crystalisando em Manuel de Sousa Coutinho a abnegação de um ardente patriota, incendiando de apaixonado amor D. Magdalena de Vilhena, fazendo da filha dos dois testemunha da apparição do fatal Romeiro, e encarnando neste, com raro tino artistico, a tragica figura do velho D. João de Portugal. A estes protogonistas, que a tradição lhe fornecia, como num rude esbôço, ajuntou um, de creação propria, em linhas de belleza shaksperina. Como que presentindo, sem o definir, o ponto de partida do sebastianismo de Oliveira Martins, o sr. Theophilo Braga definiu admiravelmente esse personagem, na

sua *Historia do Theatro portuguez no seculo XIX*—: «o typo do velho escudeiro Telmo Paes pertence inteiramente a Garrett, e representa um passado incerto e tenebroso, que ameaça constantemente a felicidade presente.» Telmo é, com effeito, o misterio ameaçador, que paira como nuvem negra, sobre o candido azul do lar, em que a ventura refulge. De interpretar essa creação, grave e singular, do amigo de Luiz de Camões, hypnotisado na ideia messianica da volta do rei morto e do seu nobilissimo amo e senhor querido,—se quiz incumbir o proprio Garret, quando o *Frei Luiz* subiu ao proscenio da gloria no aristocratico Theatro do Pinheiro, desempenhado em primeira representação, pela fina flôr da sociedade portuguêsa, a breve trecho da sua leitura, em sessão solemne do Conservatorio dramatico (Maio de 1843), repetida no aconchego dos intellectuaes salões de D. Maria Krus, «O theatro é pequeno—escreveu Garrett,—mas acommoda muita gente; e encheu-se do que ha de mais lusido e brilhante na sociedade. As lagrymas das senhoras e o applauso dos homens fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores,(1)

(1) D. Emilia Krus de Azevedo, D. Maria da Conceição de Sá, Joaquim José de Azevedo, Antonio Pereira da Cunha, Duarte Cardoso de Sá, Antonio Maria de Sousa Lobo, Duarte de Sá Junior e Almeida Garrett. Dêstes interpretes vivia ainda, em 1895, quando eu sahi de Portugal, a ex.ma sr.a D Maria da Conceição de Sá.

Ao ascender do *Fr. Luiz*, já escoára nos áres o canto heroico do *Alfageme*, que os legionarios setembristas arvoraram em pendão de guerra; a nação, recalcada sob os acicates da dictadura cabralina, ia chorar elegiacamente sobre a morte da doce Maria, a irman da Margarida do *Fausto*, no momento em que os progenitores da joven visionaria se cubriam de fria estamenha, em holocausto ao sombrio e terrivel *dever*, que lhes apunhalava as esperanças. As plateias, vencidas pelo sentimento, anteviam a patria agonisando no tablado, quando a cortina cahia lentamente, após o terrivel instante do supremo sacrificio. A dôr engastava-se nas almas alanceadas, como a figura melancholica do Christo, no panno alvinitente da Veronica!

CAPITULO III

CAPITULO III

EZES depois da sua primeira audição, já no anno immediato, o *Fr. Luiz* sahia a lume numa bella edição, de luxo, formato de 4.º commummente appellidado, com o retrato do autor, precedido de um prologo e da eloquente e suggestiva memoria, que, em apresentação da peça, Garrett lêra, com todo o esplendor, em sessão solemne do Real Conservatorio Dramatico. Antes de proseguir na exposição de estas diminutas observações, parece-me dever deixar exarada a lista, tão exacta, quanto ser possa, das copias originaes, edições, contrafacções, traducções, etc., do peregrino drama. Marco com asterisco as especies que não tive presentes.

I

Originaes ou copias do autor

* 1) *Fr. Luiz de Sousa* — 1843. Rascunho, começado em 27 de Maio de 1843. (Catalogo dos Autogr., na *Helena*).

* 2) *Fr. Luiz de Sousa* — 1844. Manuscrito da Memoria lida no Conservatorio Real de Lisboa, do Prologo e do drama. Serviu esta copia para a impressão da primeira edição. (Id. ib).

* 3) *Fr. Luiz de Sousa* — Copia completa, com emendas autographas. Ouvi que o sr. Jeronymo das Neves Sobrinho, bem conhecido bibliophilo, possue este manuscrito, outr'ora pertencente á Inspecção Geral dos Theatros, e carimbado com o seu *ex-libris*.

II

Edições

4) Fr. Luiz de Sousa | *por* | J. B. de Almeida Garrett | *Edição do Theatro do Pinheiro.* | — | *Lisboa* | *Na Imprensa Nacional* | *MDCCCXLIV.* | 4.º viii-236 p. Retrato de Garrett.

No ante-rosto, lê-se: Fr. Luiz de Sousa; antecedendo-o uma tira, com erratas. O drama

:omeça em p. 23, seguindo até 156. Precedem a introducção e a Memoria, lida no Conservato-:io; seguem as *Notas* até p. 216. Dahi, até á penultima pag., exara-se a critica de Rebello da Silva. A ultima é occupada por um indice. O autor do *Manuel bio-bibliographique des femmes célébres* (*Supplément*, Paris, 1900), referindo-se a esta edição, e citando o meu volume, diz que ella foi de trinta e quatro exemplares. O sr. Alberto Pimentel numa nota bibliographica, estampada em um numero da *Illustração Moderna* do Porto, affirma ter visto um exemplar, outr'ora pertencente a Antonio Maria de Sousa Lobo, cujo titulo evidenceia de esta fórma:

5) Fr. Luiz | de | Souza | Edição do Theatro | do | Pinheiro | *Uma vinheta figurando uma corôa* | Lisboa | Na Imprensa Nacional— 1844.

Houve, pois, duas tiragens, diversas no frontispicio, da edição *princeps*, o que confirma a tradicção de que Garrett fizera uma tiragem, sómente para os interpretes do seu drama; deve ser a que tem a corôa no frontispicio, por isso que o exemplar, que aqui tenho á mão, e que citei, proveiu de pessoa que não tomou parte na representação. Os collecionadores ficam avisados da variante.

6) Edição da mesma data, 8.º peq., feita

com a mesma composição typographica, tendo as erratas em identica tira, mas collocada no fim do volume. Em papel de linho. No ante rosto, lê-se: *Obras de J. B. de A. Garrett, V (Terceiro do Theatro)*. No frontispicio, figura a designação: *Theatro de J. B. de Almeida Garrett. III. Fr. Luiz de Sousa*, e a data: 1844.

* 7) Edição de 1856, designada como segunda, e a primeira assignada com o nome: *Visconde* de Almeida Garrett.

8) Edição de 1860, designada como terceira, reproduzindo a anterior, e como ella da Imprensa Nacional. VIII-236 pag. +1 mn. de indice + 1 branca. Em papel de linho, como os n.os 5, 6 e 7.

9) Edição de 1869, designada como quarta, impressa egualmente na Imprensa Nacional, em papel commum, com a mesma paginação.

10) *Fr. Luiz de Sousa (sic)*: Edição de 1899. designada como quinta, 8.º pequeno, VIII-197 pag. e 1 de indice. Peor ainda que a anterior, typo velho e papel de impressão de periodico. Na capa, apparece a data de 1900.

* 11) *Frei Luiz de Sousa*, Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1902. In-8.º de VIII (Prologo) 1 a 18 Memoria lida no Conservatorio; de 20 a 123 o Drama e Notas. De p. 185 a 197 o juizo critico de Rebello da Silva.

* 12) *Frei Luiz de Sousa*. (Incorporado no

t. II das Obras completas de Almeida Garrett. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal. 1904. In-folio a 2 columnas, com estampas.

* 13) *Fr. Luiz de Sousa.* (Tomo 14 das Obras Completas de Garrett em 28 vol. in-4.º) Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1904. Tem junta a *Sobrinha do Marquès.*

III

Contrafacções

14) *Fr. Luiz de Sousa (sic) drama, por J. B. de Almeida Garrett.* 4.º gr. 39 pag. Rio de Janeiro, Villeneuve & C.ª, 1844. Sem frontispicio, o titulo ao alto na 1.ª pag. A duas columnas em typo sete.

Esta edição, como a n.º 10 de Lisboa, altera a graphia de Garrett, escrevendo *Souza* em vês de *Sousa*, como o autor ortographara com toda a razão historica.

IV

Traducções

15) *Fray Luis de Souza. Drama historico entres actos del Vizconde de Almeida Garrett. Traducido por D. Emilio Olloqui. Lisboa, Imprenta Nacional, 1859.* 8.º gr. 81 paginas.

O meu exemplar tem uma dedicatoria autographa do traductor *a José Carlos Rodrigues Sette*. No verso do ante-rosto, em que ella se acha consignada, escreveu o meu amigo Manuel de Carvalhaes o affectuoso *envoi*, com que me offereceu este precioso regalo.

A traducção de Olloqui é bem feita; o litterato catalão supprimiu a ultima scena do drama, deixando todavia inadvertidamente entre os personagens o *Prior de Bemfica*, que só apparece naquelle lance.

16) *Obras Poeticas de D. Emilio Garcia Olloqui.—Tomo Tercero—Alessandria d'Egitto—Tipo-litografia V. Penasson. Agosto 1884.* 8.º gr. 382 pag., V de notas e 8 inn. com indice, erratas, etc. A traducção do drama de Garrett (2.ª edição), decorre desde pag. 289 a 383, fechando as composições literarias do volume. Devo esta raridade bibliographica ao meu amigo dr. Antonio Paes de Sande e Castro, illustre publicista e digno juiz do Tribunal Internacional no Egypto. Olloqui destruiu a edição dos seus tres volumes impressos em Alexandria, ignoro por qual motivo.

17) *Frére Louis de Sousa*. Traducção francêsa do Barão de Santa Anna Nery. Sahiu em folhetins de *l'Époque*, de Paris, n.os de 11-12, 14, 16, 18-19, 25-26, 29 de abril, 2-3, 9-10, 16-17, 19, 22, 30-31, de maio, 6 7 de junho de 1897.

18) *Le Pélerin* — Traducção de Maxime de Formont, annunciada sob aquelle titulo, no estudo que este laureado autor consagrou a Garrett, em o n.º 37, 7.º anno da *Revue hebdomadaire*, (Paris), estudo em que se acham intercalados alguns passos do drama. Esta versão, já com o titulo restituido de *Fr. Louis de Sousa*, subiu á scena recentemente na capital francêsa. Tenho presente o cartás e o programma do espectaculo.

FORMONT

19) *Fra Luigi di Sousa. Drama por G. B. Almeida Garrett. Tradotto dal portoghese coll'assenso dell' autore da Giovenalle Vegezzi Ruscala.* (Uma vinheta). Torino, tip. Speirani e Tortone, 1852. 8.º 84 paginas.

20) Id.—Milano Francesco Pagnoni, 1860. 8.º peq. 80 pag.

Pertence á collecção — *Panteon Nazionale drammatico.*

21) Id.—Id. Id. Id. Id. Id.

A capa preceitua esta edição ao livreiro Luigi Cioffi, e data-a de 1861, collecionando-a como

o fasciculo 25, anno II, das *Fiori di Talîa o scelto Reportorio Teatrale,* assignalando-a de *prima traduzione portoghese.* A composição typographica, mesmo no fronstipicio, é a mesma do numero anterior. As capas serviram a fazer crêr numa nova tiragem.

RUSCALLA

Em todas estas edições ha um prologo do editor, e na primeira uma dedicatoria a Varnhagen, que falta nas outras.

Da versão de Ruscalla foram reproduzidos varios trechos em grande numero de monographias garrettianas, publicadas em Italia, por occasião do centenario. Foi sobre esta versão que a companhia de Ernesto Rossi desempenhou o *Fr. Luiz* em Lisboa, como o grande actor menciona nas suas *Memorias,* cujo relato, neste ponto, se póde completar pela curiosa Nota, que, a tal proposito, o sr. Ramos Coelho deixou num dos seus ultimos volumes poeticos.

22) *Luiz de Souza von J. B. de Almeida Garret. Aus dem Portusiesischen in' Deutsche liber-*

tragen, von W. I.. Frankfurt... 1847. 4.º 116 paginas. Com um retrato de Garrett, litographado por Legrand, em Paris.

O traductor é o conde Luckner, que escreve um pequeno prologo, seguido de uma noticia, firmada com as iniciaes A. V. (Adolfo Varnhagen). O meu exemplar tem no fronstipicio o amavel *envoi* autographo, com que me veio das mãos do meu illustre amigo dr. Wilhelm Storck.

23) J. B. de Almeida Garrett—«*Broter Luiz de Souza*» *A Study; with translated extracts* by Egdar Prestage... Altrincham, 1900. 8.º gr. 19 pag.

Este estudo fôra publicado em 1896 na *Dublin Review*. Encerra fragmentos da traducção, que Edgar Prestage tem, desde muito, concluida. O meu exemplar é em papel especial.

Não existe a versão franceza do *Fr. Luiz de Sousa*, por Fournier, que Gomes de Amorim indica, confundindo este drama com a *Sobrinha do Marquês;* e não consta que jámais se imprimisse a inglêsa de Mrs. Northon, a que Garrett se refere, numa carta ao futuro autor das suas *Memorias*.

24) *Frère Luis de Sousa—Drame em 3 actes, d'Almeida Garrett, Traduction de Maxime Formont, Notes, Documents et Bibliographie. Librairie-Imprimerie de Raphael Giusti.* 1904. 1 vol.

Impresso a expensas de Antonio de Portugal de Faria.

V

Imitações

25) .... *Coeurs heroïques* (*Fr. Luiz de Sousa*) *Drame en trois actes en vers par H. Faure*.... Moulins, Crepin-Leblond, 1889. 8.º 161 pag. + 3 br.

O meu exemplar tem uma pagina a mais, precedendo o frontispicio, e em que se lê, a vermelho e preto: «A S. A. R. Madame la Princesse Marie-Amelie d'Orléans, Duchesse de Bragance, hommage de profond respect. H. Faure.»

VI

Operas

* 26) Argumento da opera *Fr. Luiz de Sousa*, por Freitas Gazul. Um opusculo.

Nem o libretto, nem a opera, representada no theatro de S. Carlos de Lisboa, foram jámais impressos.

VII

Estudos criticos

27) *No centenario de Almeida Garrett* —

ANTONIO ARROIO — *II: A estethica do Fr. Luiz de Sousa*. Porto. Imprensa Civilisação, 1899. 4.º 14 pag.

VIII

Iconographia

28) Litographia do quadro de Lupi — *A Scena do Romeiro.*

29) Bilhete postal, na serie commemorativa das festas do Porto.

30) Programma da representação, em Paris.

E' bem de ver que catalógo, tão só, as especies expressamente consagradas ao *Fr. Luiz de Sousa*, e não os livros e opusculos, que, tratando de Garrett, se referem ao seu immortal drama, embora certos autores o estudem detidamente como Theophilo Braga, Romero Ortiz, Sousa Viterbo, Rebello da Silva, Edgar Quinet, Lopes de Mendonça, Maxime Formont, Gomes de Amorim, Alexandre Herculano, Bulhão Pato, Anthero de Quental, Oliveira Martins, Virginio Prinzivalli, Gemma Maionchi, Antonio Padula, Julio Cesar Machado, Ramos Coelho, Magalhães de Azeredo, Ernesto Rossi, Farinelli, ou ministrem elementos para a sua historia como Varnhagen, Antonio de Faria, Coriolano de Beça, Innocencio, Brito Aranha, etc.

No decurso d'este estudo, chamarei á auctoria alguns d'estes escriptores, discutindo as suas opiniões; no presente capitulo, porém, limito-me apenas a indicar o que *unicamente* diz respeito á bibliographia exclusiva do formosissimo drama que fixou o genio de Garrett na litteratura universal. *

(*) Em relação ao n.º 4 d'este Catalogo, observa-me o sr. H. de Campos Ferreira de Lima que adquirira recentemente o exemplar offerecido por Garrett a D. Maria da Conceição de Sá (pag. 41). Fica portanto invalidada a hypothese formulada em pag 48, n.º 5. (Novembro de 1905.)

CAPITULO IV

CAPITULO IV

Um illustre publicista e meu muito leal e querido amigo, o dr. Arturo Farinelli, ornamento do corpo cathedratico da Universidade de Insprück, em fórma de carta, com cujo endereço muito me honro, esmiuçou,com larguêsa de vistas e segura critica, a influencia de Garrett na sociedade e na literatura do seu tempo. O opusculo do sr. Farinelli

FARINELLI

é, e será por largo periodo, a. melhor obra que estrangeiros tenham consagrado a Garrett. Falha sómente um tanto na caracterisação da influencia do nosso grande escritor na transformação da sociedade portuguêsa; mas, nesse ponto, até os nacionaes têem pecado fundamentalmente. O notavel critico põe comtudo restricções á sua admiração pela tragedia, de que nos estamos occupando. Veremos da sem razão de alguns dos seus reparos: «On sait que Garrett faisant incendier par son héros sa propre maison pour recevoir le très puissant et très excellent gouverneur pensait au *Castellano leal* du duc de Rivas.» Isto é uma observação de Romero Ortiz, a que o sr. Theophilo Braga deu curso em Portugal, num artigo da *Bibliographia Critica*, pretendendo, no seu periodo negativista, que o *Romanceiro* de D. Angel Saavedra houvesse influencia na organisação artistica de Garrett. O contrario é que se deu; o duque de Rivas é que foi influenciado pela obra do nosso grande escritor, de quem tomou palavras, em epigraphe, no seu primeiro trabalho romantico—*El Moro Exposito*. A acção de Garrett reflectiu-se na renovação da literatura hispanhola, como já dominára na brasileira. Um erudito madrileno escrevia, em 1845: «El (Garrett) fuè quien a la volta de su emigracion hizo al Portugal la revelacion del *gusto nuevo*, y la

carta que en 1828 publicò en Londres como prefacio de su *Adozinda,* llena de excellentes doctrinas, *y que tanto contribuyó a lanzar á nuestro duque de Rivas en el rumbo de las nuevas ideas de emancipacion literaria,* prueba que su juicio recto y templado comprehendió desde luego que la riforma no se encamiñaba a trocar nuevos por antigos errores, sinon a asentar el principio de independencia y tolerancia como primer dogma de las artes.»

Garrett, na Memoria ao Conservatorio, narrára que numa velha comedia hispanhola que, em tempos juvenis, vira representar num barracão de feira provinciana, havia scena identica de um incendio de palacio. Da lembrança varrera-se-lhe o titulo da peça. Como é que *á priori* se póde estabelecer que o duque de Rivas, tão lido nas letras da sua terra, não conhecesse essa composição dramatica e não a imitasse tambem? Como é que Romero Ortiz não procurou haver conhecimento della, em vês de nos mimosear com essa *historia* do *Castellano leal?* Como nos occultou, parcialmente, a alta influencia de Garrett no modo de ser litterario, na evolução do espirito de D. Angel Saavedra? Bem melhor seria que o autor da *Literatura portuguesa en el siglo XIX* nos tivesse esclarecido nestes pontos...

A renuncia ao mundo, com que o *Fr. Luiz de Souza* finalisa, parece *muito violenta*, á critica do meu amigo Farinelli; a culpa em nada incorre ao auctor do drama. Foi a lenda que lh'a apresentou tal qual, na sua commovente simplicidade. Essa renuncia era, de resto, frequente na Peninsula, por aquelle tempo, e no proprio *Fr. Luiz* se cita caso identico, que as notas da tragedia accentuam com precisão de pormenores. Os conventos eram um porto de refugio, abandonadas *ao seculo* as paixões da vida, envenenada de torturas dilacerantes, crivada de agudos espinhos. Que outro linitivo encontrariam Manuel de Sousa e D. Magdalena de Vilhena, na catastrophe que lhes derruíra os sonhos de felicidade?

Acha Arturo Farinelli de um effeito *romantico* e *cherché* a desapparição, nas chammas, do retrato de Manuel, combinada com a presença aterradora de D. João de Portugal, na sequencia dramatica. Mas este segundo retrato é puramente historico, tomado em todos quantos autores versaram o assumpto; pôl-o em *pendant* com o primeiro, será um *truc* de escóla porventura, mas obedece a uma intuição artistica. O retrato *que salva*, a recordação de um amor apaixonado, devora-o o crepitar do incendio; o retrato, *que perde*, permanece como um phantasma de anniquilamento. *Ficelle*, ou o que

quizerem, Garrett não póde ser accusado por conhecer a sociedade do seu tempo e querer fallar-lhe ao palpitar do coração.

Diz Farinelli que a acção do *Fr. Luiz* é mais *poetica* que *humana* (pag. 10), mas adiante confessa (pag. 14) que Garrett quiz de preferencia fazer um drama de *caracteres*, antes que de *situações*. Por mim, acho contradicção nas duas caracteristicas, votando, sem reservas, pela segunda. A *humanidade* da alta composição revela-se, a meus olhos, sobretudo, na gracil figura de Maria, «exceptionelle», «merveilleusement dessinée», como a sublinha o lucidissimo professor. Todo o genio de Garrett se encarnou no alevantar dessa figura, tão *ampla* e tão bella. Examinemos. Maria fôra *gerada* em condições excepcionaes; a sua *gestação* obedecera a influencias, que a sciencia estuda, ao considerar os phenomenos da hereditariedade. Inconscientemente, Garrett, por intuição, ascendeu á eminencia das conclusões scientificas da physiologia. De seu pae, um cavalleiro das antigas alas, herda a pobre rapariga qualidades de intrepidês e de energia: é ver como ella o applaude, em enthusiasmo de incentivos, na graça e na candura de Joanna d'Arc, ao discorrer da façanha que reduziu a cinzas a moradia dos seus avós; é contemplal-a, no seu ardente panegirico á valentia do rei, misteriosamente desapparecido nos

areaes africanos. Da mãe, provém-lhe o terror da desgraça, que sente pairar ovante, numa densa escuridão. Os dois elementos, até certo ponto equilibrando-se, jogam no animo da donzella esse pavoroso duello, em que o segundo vem a ser o vencedor, no desinlace da tuberculose. No *caracter* de Maria reside toda a humanidade da tragedia; as condições morbidas, oriundas das continuas agonias maternas, batem em brecha, momento a momento, o feitio heroico, que lhe coube, em legado paterno, impedindo a salvação pelo amor. Dêsse legado, ha ainda o derradeiro protesto, naquellas palavras de revolta:—«Que cerimonias são estas? *Que Deus é esse que está nesse altar e quer roubar o pae e a mãe a sua filha?*» E' a «clairvoyance et la raison si nette et si vraie,» que dão de si o ultimo lampejo. Não é assim?

Farinelli, expondo a decadencia dos nossos tristes dias, e constatando-a, dolorosamente, com a incomprehensão moderna da santidade do casamento, com os adulterios á moda, na scena e fora della, tem esta exclamação: «Dans quel milieu tomberait-il le *Fr. Luiz de Souza* avec son haut idéalisme chrétien!» O idealismo christão da peça dá-lh'o, não Garrett, mas a tradição, mas a sociedade portuguêsa do seculo XVI. Esse idealismo commoveu ainda a nossa alma nacional, em plena metade do seculo XIX. Hoje,

quem quizer no tablado a *remoção* dêsse sentimento, para muitos antiquado, tem composição dramatica a saciar-lhe a *desiderata*. Sem essa pura e intima fonte de inspiração, um *Fr. Luiz de Sousa*, do nosso tempo, e para os gastos paladares de uma geração, que, por seguro, não deixa de si obras, como a obra prima de Garrett, está já feito. E' a *Madame Caverlet* de Emilio Augier.

CAPITULO V

CAPITULO V

UTRO escriptor de invergadura, o sr. José Pereira de Sampaio, dando-nos recentemente uma edição do famoso livro de D. João de Castro — *Paraphrase e Concordancia de algumas Prophecias do Bandarra*,— inseriu em noticia bibliographica, appensa á indicada reimpressão, um interessante summario das materias a desenvolver no seu proximo e erudito estudo sobre — *O Sebastianismo*. Ahi se destaca a verba: — «De como o sebastianismo, interpetrado *a sério*, como theoria historica, appareceu pela primeira vês, na literatura portuguêsa em as obras de Oliveira Martins; e de como a geração romantica do liberalismo lusitano *metera sempre a ridiculo* o sebastianismo, não lhe entendendo o caracter mistico. A comedia de Garrett, etc.»

Nada mais injusto do que esta accusação sem provas, aos iniciadores do nosso Romantismo;

Garrett foi quem *revelou* a Oliveira Martins a linha inconsistente da sua theoria. Se a obra do grande reformador da literatura portuguêsa se não acha ainda sufficientemente commentada, é para lamentar que sobre ella se façam affirmações, que um estudo mais profundo com certeza evitaria. Com rasão se evidencia, nos summarios do sr. Sampaio, a precisa influencia da ideia sebastica, na revolução de 1640; ora na scena III do 1.º acto da *Filippa de Vilhena*, numa falla ironica de Rui Galvão, topa-se de todo o ponto accentuada e caracterisada essa influencia prophetica. A impressão que, na sua adolescencia, Garrett recebera contemplando um retrato de D. Sebastião, nos paços municipaes de Angra do Heroismo, toda a vida lhe ficou no espirito; fixar na tragedia o perfil dêsse cavalleiro foi sempre um dos sonhos de Garret, no crivel dizer de Gomes de Amorim; e se o rei Desejado não assume ao esplendor do contorno escultural, no retrato do *Camões*, que é uma obra de mocidade, ha todavia muito que aproveitar nessa estatueta heroica.

A comedia de Garrett, a que o sr. Sampaio allude—*Prophecias do Bandarra*, é não um estudo, mas uma *caricatura* do sebastianista. Ouvi que visava a empallidecer a fama de certo pharmaceutico, que ao poeta votára intemerato rancor eleitoral. Fosse como fosse, parece-me

que esse trabalho dramatico não visava a apparecer em publico em nome do autor; tem um certo ar de parentesco com o *Camões do Rocio*, que Garrett compoz para Feijó, e começa por uma parodia aos córos do *Alfageme de Santarem*, muito evidente e muito viva, para que não a supponhamos intencional, os que conhecemos os processos do notavel dramaturgo. Accrescente-se que foi a unica composição, que Garrett não fez pôr em scena, e que o nome de um dos seus personagens *Pantaleão*, se acha repetido no *Noivado no Dafundo*, escrito e representado dois annos depois. O côro dos boticarios-praticantes, evocando outro côro de um drama applaudissimo, e a repetição do nome de um personagem picaresco, em quem não costumava usar dessas *ficelles*, não nos indicarão bastante que o autor destinava attribuir a outrem a paternidade do seu inredo, fazendo-se lembrar ao mesmo tempo, diante das plateias, como suggestor immediato? A scena das *Prophecias do Bandarra* passa-se em Lisboa. Quando, não o diz a rubrica; vendo os personagens a discutir *pintos* podemo-nos remontar até ao reinado de D. João V; os regedores de freguezias, citados mais adiante, conduzem-nos até ás leis da Terceira e á legislação de Mousinho; a imprecação ás constituições, traz-nos ao periodo posterior á revolução de Setembro; as demais declarações politi-

cas vêm até ao reinado dos Cabraes, exactamente de quando se conta que o manipulador de pilulas se atravessou nas urnas do suffragio ao grande nome de Garrett, que provavelmente não encontrou pessoa de confiança, a quem endossar a paternidade da sua engraçada *charge* E' de notar ainda que estando esta comedia concluida desde 1847, o autor, imprimindo um anno após, a *Sobrinha do Marquès*, lhe fizesse rubricar na capa de brochura esta advertencia: «Para os que possuem o theatro e mais obras do autor se completará este tomo com outra peça, prehenchendo a paginação regular do volume.» Ora, ao tempo, tinha Garrett composto mais duas peças—as *Prophecias* e o *Noivado no Dafundo*. De uma só se trata, e a paginação *regular* do volume não comporta a inclusão das *Prophecias* e só sim a do *Noivado*. Figura-se-me, quasi como assente, que o grande poeta não tinha a menor ideia de perfilhar a comedia do Bandarra, representada quatro annos depois da sua morte, facto unico acontecido com o seu theatro, e jámais annunciada na lista dos seus trabalhos a imprimir. Mas se estas deducções não colhem, se a *caricatura* do sebastianista houvesse base legitima para as conclusões do sr. Sampaio, ter-se-ia que meter protesto em favor do *original*. Esse original é o Telmo Paes do *Fr. Luiz de Sousa*. Como sebastianista o

alcançaram criticos subtis, como Farinelli e Edgar Quinet; «tenho confidenciado todas estas cousas com o velho Telmo da nossa tragedia», escrevia Oliveira Martins a um amigo, ao tempo em que na *Historia de Portugal* ia apparelhando a theoria sebastica, esboçada nas *Vacances en Espagne* naquella phrase sinthetica: «No fim quando os protogonistas dizem adeus ao mundo, parece que a nação inteira pronuncia os votos.» Oliveira Martins, que, no periodo negativista e combatente da sua literatura, recusára a Garrett o *divinum quid* (*Theophilo Braga e o Cancioneiro*), faz esta *amende honorable*, no *Portugal Contemporaneo:* «Ficou para attestar o *genio* do artista Garrett uma tragedia, em que a tradição realmente o inspirou: — *o Fr. Luiz de Sousa.* Nessa tragedia portuguêsa, *sebastianista*, Garrett, num momento unico de intuição genial, viu por dentro o homem e sentiu *o palpitar das entranhas portuguesas.* Que ouviu? Um chôro de afflicções tristes, uma resignação heroicamente passiva, uma esperança vaga, etherea, — na imaginação de uma rapariga tisica e no tresvariar de um escudeiro *sebastianista.*» Foi Quinet quem lhe fez a *revelação;* e o «palpitar das entranhas portuguêsas,» produziu a famosa theoria messianica, que sem Garrett não floriria, — triste flôr! — através dos artisticos trabalhos de Oliveira Martins. Telmo Paes, com quem elle

confidenciava as suas visões, abriu-lhe um mundo novo. O velho escudeiro condensava na sua alma todo o sonho da prophecia do resuscitado; e a *rapariga tisica*, iniciada, pelo terror e pela crença, na vinda dêsse Messias de um povo escravo, esperava o seu amado rei, pensando, a tremer, no *outro* cavalleiro, que já de longe vinha caminhando, apoz as torturas de um captiveiro de vinte annos, para a arrastar ás sombras algidas da morte...

Quero crer que *nem sempre a geração romantica do liberalismo metera a ridiculo ou tivera a incomprehensão do caracter mystico do Sebastianismo.*

CAPITULO VI

CAPITULO VI

«Morro de vergonha!» exclama a rapariga tisica, diante da fatalidade que lhe depara vivo, como um phantasma de anniquilamento, o primeiro marido de sua adorada mãe. A frase é vulgar, é usual, na acepção de um subido grau de infinita magua. Camillo Castello Branco, no admiravel romance do *Amor de Perdição*, toma a nuvem por Juno, e nos pruridos de ironia, em que foi sempre eximio, não tem mão em si que não escreva que «a morte de vergonha é uma morte *inventada pelo visconde de Almeida Garrett, no Fr. Luiz de Sousa*» (sic). Confundir um dito accidental de um personagem de uma tragedia, com um novo genero de morte *inventado* pelo autor de essa composição, pareceu-me sempre um pouco inadmissivel. Mas o melhor da passagem, é que annos depois de tão imperti-

nente reflexão, Camillo elaborou, publicou e fez representar um drama — *O Condemnado*, destinado a rebater a asserção leviana, que ficou como uma incorrecção, entre os primores de um livro, a todos os respeitos adoravel. Vejamos, nas suas linhas geraes, o entrecho do *Condemnado:*

Jacome da Silveira, marido de Martha de Villasboas, assassina sua mulher, em plena evidencia de adulterio. Dêste não restam duvidas; mas o jury condemna o marido assassino, que não quizera explicar-se. Annos volvidos, o degredado, cumprida a sentença, quiz ver, cara a cara, o miseravel, que destruira a felicidade do seu lar. Encontra a filha, que repudiára, inquestionavel fructo dos seus amores, casada com o filho do seductor de sua esposa. *Um retrato*, que apparece em uma pulseira, ajuda ao reconhecimento da filha de Jacome, que por momentos julga estar casada com o proprio irmão, e estala de angustia, e só encontra, no seu intimo, a solução da morte...—de vergonha, não é?— diante dessa quasí realidade, que lhe corta as fibras do pudor. Examinemos, incidentemente, mais analogias entre o *Condemnado* e o *Fr. Luiz de Sousa:*

Jacome da Silveira, ao «resurgir», (variante, até certo ponto, do typo de D. João de Portugal) defronta-se com o visconde de Vasconcel-

los, — que tal é a *crisma* com que elle veiu encontrar na sociedade, o amante de sua mulher — e faz recuar este, como diante da apparição do commendador, nas *comedias* de capa e espada. — Quem é o senhor? brada Rodrigo de Vasconcellos, vendo seu pae a succumbir. Em vês dêsse fatidico *Ninguem!* com que o Romeiro avassala as almas, Jacome tem em resposta, outro monossilabo, que seria epico, se não fosse melodramatico: — *Pergunte-lh'o!* E o panno desce lentamente sobre essa palavra com pretensões de *misteriosa*, — plagio não diremos, mas derivação immediata da reminiscencia do grande drama de Garrett.

Camillo Castello Branco, nos ultimos tempos da sua vida consagrou-me tal estima, que deixou, *desde o dia em que nos relacionamos*, de aggredir sisthematicamente os trabalhos de Theophilo Braga. Fiz-lhe vêr, sem ambages, a injustiça das suas aggressões, e recebi delle a confidencia dos nomes de dois ou tres literatos, que continuadamente o espicaçavam nessa ingloria campanha, que empanou as fulgurações do seu talento. Esses nomes estão registrados na correspondencia da livraria Chardron, hoje em poder dos srs. Lellos, e dahi os conhece, ou conhecerá quando quizer, o illustre autor da *Historia da Literatura Portuguesa*. Não trouxe este caso senão para corroborar como Camillo honrava as minhas observações. Numa das amiu-

dadas conversas que tive com o grande romancista, veiu a pêllo o caso da referencia a Garrett; ouvido o meu «libello», com toda a sinceridade, Camillo prometeu-me que, se revisse ainda o *Amor de Perdição*, na hypothese de futuras edições, expungiria da sua extraordinaria novella a «má vontade» á *morte de vergonha*, que a desfeia.

Hoje que o lucidissimo espirito do nosso grande romancista se apagou nas sombras da morte, não perde a sua memoria em que se exponha uma... lijeireza, que elle proprio reconheceu, na lealdade do seu admiravel coração.

CAPITULO VII

CAPITULO VII

De todos os idiomas, em que se acha transplantado, só em castelhano é que o *Fr. Luiz de Souza* não assomou ao proscenio ainda. Decididamente, santos de ao pé da porta não fazem milagres. Como atenuante, deve, porém, dizer-se que a versão de Emilio Olloqui, publicada em Lisboa, como vimos, e reproduzida em Alexandria do Egypto, é quasi desconhecida no paiz visinho. Quando a fiz lêr, por occasião do centenario, ao meu querido amigo D Ramon Menendez y Pidal, um dos mais esperançosos escritores da nova geração peninsular, agradeceu-me elle, em affectuosa carta: «Coñocia ya el *Romanceiro* de Almeida Garrett, de que v. me habla, por especial inclinacion mia á la poesia popular y á la en ella inspirada, pero las demás obras las leeré en cuanto tenga occasion, pues quedè *engolosonado* con el *Fray Luiz*. De éste

és muy interessante la anecdota, que v. me refiere, y me la explico perfectamente dado el grande efecto que la obra produce. Sin duda que las demás obras (de Garrett) no pueden mantener-se a la altura de ésta, pues seria um verdadero prodigio.» A anecdota a que Menendez Pidal allude, appareceu contada pelo meu contraparente Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, na *Literatura dos livros de cavallarias*, (Vienna, 1870) d'onde foi transportada a um folhetim infeliz de Julio Cesar Machado. Fôra o caso que o conde Luckner,—o traductor allemão do *Frei Luiz*—alcançou, para o seu trabalho, honras de representação em um dos theatros de Dresde. Annos antes, a esposa do titular saxonio e diplomata dinamarquês,—como elle, fiel de communhão que tal permittia—divorciara-se do marido, e casára, em segundas nupcias, com novo eleito do seu variavel coração. Viuva dêste substituto do seu primeiro *engagement*, apoz não longo precurso de floridas primaveras, a ex-condessa Luckner, achando-se na cidade, em que o *Frei Luiz*, traducção do seu antigo *companheiro*, ia ser apresentada ao publico, sentiu-se aguilhoada pelo capricho de assistir a esse serão theatral, numa viva curiosidade, toda feminina. Que viu? D. Magdalena de Vilhena, no auge da catastrophe, que lhe despedaçava a vida: precisamente

o inverso de si propria, no drama, em que fôra protogonista. Commoveu-se do *contraste:* jámais direi da *similhança*, como nos nossos autores, com pasmo, tenho lido. O passado resuscitou diante da nobre dama, não como a ventura morta, senão como éden de invisivel encanto. Os seus olhos soluçantes fitaram-se nos do traductor do *Frei Luiz*, cheios de filtros communicativos... e o genio de Garrett abriu-lhe de novo os cortinados do longinquo thalamo conjugal. Dahi a poucos dias, os seus cartões de visita, ostentavam a corôa que delles fôra proscrita, num momento de separação, que a toda a gente se afigurara eterna. Por ao diante, os condes de Luckner viveram estreitamente unidos, em perenne amor; nem lhes faltaram no berço, continuadores da sua illustre prosapia.

Não devia ficar omisso, nesta sequencia de notas para a historia da obra primacial de Almeida Garrett, um episodio tão graciosamente incendido no aroma dos jasmins do Cabo; pol-o á margem, como filão explorado já, por mais de um narrador, figurou-se-me em todo o ponto injusto. Além de que o nome de Varnhagen, que primeiro o exibiu na publicidade, traz-me associado o de outro preclaro brazileiro, que tambem do *Frei Luiz de Sousa* dissertou. Refiro-me ao mallogrado e excellente romancista José de Alencar, cujas novellas, mais coloridas aliás, lembram

as do nosso Julio Diniz, acaso porque o criador do *Guarany* não deixou de revelar-se, por egual, influenciado na maneira delicada de Carlos Dickens.

Não póde ser tida, nem por sombras como uma critica, e menos deve considerar-se uma «assimilação pessoal» do *Frei Luiz*, a pagina em que o autor brasileiro celebrou a composição de Garrett. Mas é, ao menos, a meu ver, um documento que não deve passar sem especial registro, — sinthese do modo curioso como a sociedade brasileira, noutro tempo, comprehendia o misticismo da nossa esplendida tragedia. Sob este aspecto, não deixa de ser interessante que alguem aponte e conserve as palavras de José de Alencar, a que não vi referencia até hoje, directa ou indirecta, nos escriptores, que, de espaço ou curtamente, teem discreteado, neste assumpto. E bem encantadora é, por signal, a doce novella da *Encarnação*, que aqui tenho aberta, na edição do Rio, Leuzinger e Filhos, 1893 — 8.º. Nella se dialoga, em um aconchego familiar:

—... Nenhum poeta até hoje, que eu saiba, animou-se a inventar um Penelope masculino. Estava reservada esta gloria ao dr. Teixeira.

—Antes de mim um poeta, e dos mais illustres, creou esse typo do Fr. Luiz de Souza, que a senhora talvês não conheça, porque é escrito na nossa lingua.

— Até o vi representar, o que deve parecer-lhe ainda

mais admiravel, depois que os senhores fizeram no Rio de Janeiro um pequeno Paris de *boulevard*. Mas esse marido que voltou ao cabo de vinte annos de exilio foi o amor da mulher que o trouxe, ou a lembrança da patria, a saudade do seu velho Portugal?

—Não se lembra do seu desespero por encontrar a mulher unida ao outro? E' uma das scenas mais tocantes.

—Esse amor caduco e de cabellos brancos, pois tinha mais de vinte annos...

—Como o de Penelope: accrescentou Teixeira em nota.

—Esse fossil conjugal é um monstro ideado por Garrett, para complicar a situação das duas metades, que o apparecimento do marido veiu separar. O drama está nessa separação, realmente incommoda, para quem não gosta de sahir dos seus habitos. Assim, o romeiro, bem longe de ser o heroe, não passa de um pretexto, de um incidente, de um motivo. Faz ahi o mesmo officio do pae cruel, que não deixa a filha casar-se democraticamente com qualquer cidadão da rua.

A chegada de uma senhora, a quem Amalia foi receber, cortou a replica do doutor, que ria-se da malicia da moça.

Chegou a tempo a senhora; em todo o caso, a «conversa» era tipica, em demasia, para que se lhe deixasse de abrir o espaço de uma transcripção.

CAPITULO VIII

CAPITULO VIII

Ao pela importante serie documental, com que illustra a vida de Manuel de Sousa Coutinho e de D. Magdalena de Vilhena, assentando descubertas de valia ao epitome familiar e biographico dos dois esposos, que, na religião, procuraram abrigo contra as dôres do mundo,—mas pelo motivo mais adiante exposto se registra no presente capitulo a memoria historica, concernente ao assumpto e recentemente publicada, entre as da Academia Real das Sciencias, pelo sr. dr. Sousa Viterbo (1902), na parte I, do tomo IX, nova serie. Muito pouco teria que ver essa erudita Memoria com o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, se nella se fixassem apenas documentos para a historia intima dos dois penitentes, que buscaram o sereno amparo da clausura; o autor do drama quasi que poz de lado a eru-

dição, para aproveitar, preferentemente, a simplicidade da lenda, e refugou até dados historicos contaveis, como o da morte da filha dos dois desditosos conjuges, que, de muitos annos, precedera a irreparavel separação.

Documentos historicos, a mais ou a menos, não importavam ao plano do dramaturgo: no que o artista levantou improbos esforços foi em caracterisar, por modo esplendente, a época e o meio da sociedade portuguêsa dos ultimos annos do seculo XVI, — pondo em relevo a resistencia dos derradeiros patriotas á dominação filipina, o misterio do rei desapparecido, a quem os visionarios esperavam como um redemptor, o espirito piedoso, que acalentava as almas, a adoração da epopeia dos *Lusiadas* e da memoria do cavalleiro d'Africa e da India, que nesse livro immortal, deixára ao mundo a medida do seu genio. Quanto ao mais, quanto ao entrecho da dramatisação, Sophocles e Shakspeare como que se deram as mãos, no decorrer delle; na simplicidade grega fundiram cruamente elementos, de que só o colossal interprete maior das paixões humanas conseguira deixar padrão. O coração não é uma palavra van, uma figura de rhetorica esteril, nos personagens tão humanamente altos de Garrett; o autor «construiu-os», *d'aprés nature*, não os recortou em modelos convencionaes. Aquellas dôres escorrem sangue.

Todo o theatro português de dois seculos, no seu conjunto, não vale sequer um dos actos do *Frei Luiz de Sousa*.

Mas se a memoria do sr. dr. Sousa Viterbo, na sua parte essencial, não vem de molde a enfileirar-se nestes artigos, porque registro eu a sua existencia? E' que, quasi incidentalmente, o erudito consocio meu, e benemerito investigador nacional, entrando por um momento, no campo dos paradigmas literarios, produz exemplos interessantes, não para mostrar que o autor do *Frei Luiz* houvessse sido plagiario, mas para pôr em nitido relevo que, antes do grande poeta do nosso Romantismo, Gil Vicente já fizera pronunciar, a diversos personagens dos seus *Autos*, o fatidico *Ninguem!* que Garrett desprendera, como um *miserere* de agonias, da boca do tragico Romeiro. Se das leituras do Plauto português sahiu, em Garrett, a suggestão dêsse vocabulo, — é o caso de dizer que abençoadas foram taes leituras. Nem corroboro, nem ataco a opinião, que, sobre as observações do sr. Viterbo, se possa querer determinar. Mas já depois da publicação da sua interessantissima Memoria, o esclarecido escritor adduziu novos exemplos de outros autores que no theatro fizeram uso do *Ninguem!*, e segundo o seu dizer, que não refugo em maneira alguma, não lhe admirará que qualquer dia tal palavra lhe appareça, desta-

cando, em monumentos literarios das mais remotas épocas.

Não seriam esses auctores, conhecidos e des-

A SCENA DO ROMEIRO
Quadro de Lupi

conhecidos ainda, suggestionados tambem uns pelos outros? E' certo que Garrett estudára, com effeito, as obras de Gil Vicente; José Gomes Monteiro, seu leal amigo, numa carta que Amorim produz, em não lembro qual lance das *Memorias*, constata até o *Auto* do reformador do theatro português, como adscripto á influencia da edição de Hamburgo. Para mim, retenho que o respectivo passo do *Fr. Luiz de Sousa*, de per si só, é infinitamente mais dramatico que as situações apontadas, de Gil Vicente; e, suggestão literaria ou não,—o que importa pouco,—o incadeamento da acção da nossa tragedia vem, desde longe, preparando aquelle singular fecho de acto, num crescendo de angustias e de desesperos. O bordão do Peregrino apontando vagarosamente, phantasmaticamente, o retrato de D. João de Portugal, sublinha o anathema daquella *revelação*, feita de fel e ironia: commenta-a, explica-a. Naquella *negativa*, entra uma affirmação poderosa, que a ergue hallucinadamente. Não ha alli, ninguem veja alli, uma dolorosa resignação. E' o travo do martyrio. Suggerida ou não em leituras sabias, trazida a pêllo, inconsciente ou são, *rebenta* no seu logar, não ha outra a substituil-a. Nenhuma palavra mais *podia* acudir aos labios resequidos do velho redivivo, que as durezas do captiveiro, entre infieis, haviam esmagado, sob o pesado céu em que flo-

ria o sol ardente, que queimava as areias do Jordão. O grito do Prometheu encadeado ás rochas, ha de ser sempre o mesmo. Pouco importa que seja repetido fora da montanha do holocausto!

O sr. dr. Souza Viterbo termina, ainda bem, a sua douta exposição, cerrando-se ao conceito de que se «Gil Vicente foi o veio que forneceu a inspiração, *é innegavel que Garrett foi o explorador genial desse veio.*»

1903—15 de agosto—15 de outubro.

APPENDICE

APPENDICE

Revendo a Bibliografia elaborada no Capitulo III dêste opusculo, o sr. Theophilo Braga, no intuito de a completar, addicionou-lhe a lista das ultimas edições do *Fr. Luiz de Souza*, (n.os 11, 12, 13, 24) publicadas depois da data, em que estes capitulos foram traçados. Os additamentos prometidos a p. 23 acham-se, pois, exarados já, no nosso proprio texto, sendo o n.º 24, até certo ponto, repetição do n.º 18, visto como Maxime Formont desistiu do titulo de *Pélerin*, com que crismara a composição de Garrett. (*)

Para não falhar, todavia, á chamada a este Appendice, e, com vantagem do leitor, aqui se insere, como chave de oiro, uma carta inédita do auctor do *Fr. Luiz*—, tragedia em que Garrett condensou e syntetisou todos os dotes de um genio immorredoiro, (tal como Wagner, no *Percival*)—ao traductor italiano da sua maravilhosa concepção:

(*) No precioso volume do sr. Th. Braga — *Garrett e a sua obra*, Lisboa, 1905, 8.º, p. 151, menciona-se a existencia de exemplares numerados, em papel de linho, da terceira edição do *Fr. Luiz*, (1860). E' possivel que haja equivocação no asserto.

Lisboa 1 de Fevereiro 1852

Sr. Commendador

Respondo na minha lingua ao illustre traductor de Gonsaga e de Bocage que me fez a honra de transportar para a de Alfieri meus modestos ensaios.

Começo por lhe pedir desculpa de o fazer só hoje porque a sua carta de 5 de Dezembro me incontrou carregado de trabalhos publicos aos quaes até este momento não pude subtrahir mesmo o tempo necessario para escrever estas linhas.

Com grande praser auctoriso a V. S. para usar do modo que mais queira, assim no theatro como na imprensa de minha *propriedade litteraria*. E só me pêsa que ella seja de tam pouca importancia.

Tenho o gôsto de lhe annunciar que representei a S. M. a Rainha Fidelissima o muito que lhe devia a litteratura Portugueza,